

A POLÍTICA EXTERNA DE NIXON E TRUMP E A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO NO BRASIL E NA ÁFRICA

VIVIANE OTTONELLI COSTA / DIVULGAÇÃO / CP



NILSON LUIZ COSTA
Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Agronegócios da UFMS/Palmeira das Missões

Apesar da importância das exportações dos complexos soja, carne e de produtos florestais, existem oportunidades de negócios em outras cadeias que parecem não ser aproveitadas

Altamente impactado pelas questões de natureza geopolítica, em que se destacam o protecionismo norte-americano e a Guerra Comercial entre Estados Unidos e China, o mercado da soja vive momentos de incertezas. Por outro lado, as polêmicas decisões de Donald Trump chamam nossa atenção para fundamentos que ajudam a explicar a importância da geopolítica para o desenvolvimento do agronegócio mundial.

Neste sentido, a história mostra que as sucessivas quebras de safras nos Estados Unidos na década de 1970, associadas à redução da produção de anchovas no Peru (importante fonte proteica para rações animais da época) e à Guerra Fria levaram o então presidente Richard Nixon a decretar o embargo às exportações de grãos norte-americanos para a então União Soviética.

Diante da escassez de proteínas e óleos e um vultoso problema de segurança alimentar (a soja já aparecia como uma das principais fontes de proteína), Japão e Europa buscaram alternativas para diversificar fornecedores e reduzir a dependência da soja norte-americana. Portanto, o início das exportações sul-americanas de soja aconteceu por reação a uma decisão política de Richard Nixon, que levou os seus principais clientes a buscar reduzir a dependência da soja norte-americana. Passados algumas décadas, a América do Sul ultrapassou os Estados Unidos neste segmento.

Ao promover abertamente uma guerra comercial, em 2018, Donald Trump está for-

çando a China a acelerar o desenvolvimento da agricultura na savana africana. Alguns países africanos vão conseguir superar seus desafios culturais, logísticos, políticos e tecnológicos e se tornarão grandes produtores de commodities agrícolas? É provável que sim, em algumas décadas! Qual será o impacto disso para a soja no continente americano? Donald Trump vai passar e os resultados de suas políticas tendem a se estender por tempo superior ao de seu mandato.

A importância de reconhecemos o momento histórico pelo qual estamos passando reside no fato de planejar a atividade agropecuária e agroindustrial no médio e longo prazos. É imperativo continuar produzindo soja, até porque o mercado interno do Brasil é relevante e sem a oleaginosa as cadeias de produção de proteína animal não se viabilizam. Contudo, os próximos acordos comerciais devem ampliar a pauta de exportações do agronegócio e reduzir a primarização das exportações brasileiras.

Apesar da importância das exportações do complexo soja, do complexo carnes e de produtos florestais, existem muitas oportunidades de negócios em outras cadeias que parecem não ser aproveitadas. O Brasil ainda carece de uma política de promoção comercial contínua e orientada para a diversificação das exportações do agronegócio. Se não planejarmos o futuro do agro brasileiro, estaremos expostos a um sério risco!

3º SEMINÁRIO REGIONAL DE PLANTAS BIOATIVAS

Programação trata dos benefícios das plantas medicinais para a saúde humana, homeopatia na agropecuária, circuitos interativos e comercialização de produtos à base de plantas bioativas. Inscrições abertas até a data do evento, no site <https://secur.upf.br/eventos/eventos/335>. Os participantes devem doar material de higiene pessoal.

Data: 21 de agosto.

Local: Centro de Eventos e Portal das Linguagens, Campus 1 da UPF, em Passo Fundo.

AUDIÊNCIA PÚBLICA SOBRE IMPACTOS DOS AGROTÓXICOS NA SAÚDE HUMANA

Reunião facilitará troca de informações, debates e encaminhamentos entre a população e os representantes de órgãos públicos, associações civis, estabelecimentos de saúde, conselhos, universidades e movimentos sociais organizados. Para manifestações, as inscrições devem ser feitas até o dia 22 de agosto por meio do e-mail romuloalegretti@mpf.mp.br, até o limite de 12 inscrições. Cada intervenção terá cinco minutos.

Data: 24 de agosto.

Local: Anfiteatro do Curso de Direito da Unisc, em Santa Cruz do Sul.

TARDE DE CAMPO DE TECNOLOGIA PARA CANOLA

Encontro promovido pela Embrapa Trigo e Abrascanola trata de boas práticas no uso da tecnologia para o controle de plantas daninhas, híbridos, defensivos, manejo de pragas e doenças. Inscrições pelo telefone (54) 3316-5800.

Data: 28 de agosto.

Local: Embrapa Trigo, em Passo Fundo.

COTAÇÕES & MERCADO

GUAÍBA CORREIO RURAL

Aos sábados, das 08h30 às 09h30.

RÁDIO GUAÍBA
101.3FM 720AM

PREÇOS AO PRODUTOR (em R\$) – Emater

Produto	Unidade	Mínimo	Médio	Máximo
Arroz em casca	saco 50 kg	39,00	41,88	46,00
Feijão	saco 60 kg	120,00	133,68	180,00
Milho	saco 60 kg	32,00	35,74	39,00
Soja	saco 60 kg	73,00	76,35	80,50
Sorgo	saco 60 kg	26,00	26,79	28,00
Trigo	saco 60 kg	39,00	41,13	43,00
Boi gordo	kg vivo *	4,70	4,85	5,10
Vaca gorda	kg vivo *	3,90	4,18	4,65
Suíno	kg vivo	2,80	3,08	3,50
Cordeiro p/ abate	kg vivo *	5,50	6,20	7,00
Leite	litro	1,00	1,25	1,45

Semana de 13/08/2018 a 17/08/2018 | * Prazos de 20 ou 30 dias

BRASIL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	12.327,8	12.025,2
Feijão	3.399,5	3.184,2
Milho	97.842,8	82.181,3
Soja	114.075,3	118.985,5
Trigo	4.263,5	5.143,8

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.980,9	1.966,7
Feijão	3.180,3	3.186,7
Milho	17.591,7	16.639,8
Soja	33.909,4	35.150,2
Trigo	1.916,0	2.034,2

RIO GRANDE DO SUL

Produção (em mil toneladas)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	8.728,6	8.460,2
Feijão	95,4	107,6
Milho	6.036,8	4.827,8
Soja	18.713,9	17.150,3
Trigo	1.276,7	1.440,1

Área (em mil hectares)

Produto	Safra 2016/17	Safra 2017/18
Arroz	1.100,7	1.077,6
Feijão	61,1	58,8
Milho	804,9	728,4
Soja	5.569,6	5.692,1
Trigo	699,2	695,7

Dados do 11º Levantamento de Safra 2017/2018 da Conab

“O punhal outra coisa quer (...) interminavelmente sonha o punhal seu singelo sonho de tigre.” (Jorge Luis Borges)

Sou o guri bolicheiro da Vila Rica, o que nunca cresce nem morre, o que vem sempre aqui contar suas memórias, aquilo que viu e ouviu atrás do balcão de imbuia, riscado de ponta de faca, sujo de banha e de fumo em rolo. A indiada puxava a faca para qualquer coisa naquele tempo, para descascar um pêssego, alisar uma palha, consertar uma rédea, tirar um naco de carne do espeto e até, no aperto, para se defender de algum venta-rasga-da que viesse assim, de supetão, abrindo cancha e pedindo briga. Minha mãe avisava que ali não era lugar para rusgas, que se quisessem brigar fossem para a estrada.

“Na minha casa quero respeito”, sentenciava, e todos cumpriam à risca. Felizmente nunca brigaram feio dentro do bolicho, quase chegavam às vias de fato, mas as encrencas foram todas controladas antes de um desfecho trágico.

Medo, sempre tive, de um fio afiado de faca. Mais que do tiro, da bala que sai em estrondo do cano do “Schimitão”. “O medo nos ajuda a viver”, dizia seu Turíbio, pitando, escorado num canto, tomando uma cachaça com bitter. De tanto ver aquelas facas reluzentes, de admirar as lâminas de todos os tamanhos, os cabos de madeira, de chifre, de osso e de outros materiais, acabei tendo uma relação estranha com as facas, as adagas e os facões. A primeira que tive foi uma minúscula faquinha de cabo e bainha de metal, dourada, que ganhei de um tio quando tinha 7 anos. Depois comprei uma adaga com um “esse” de ferro na venda do Seu Amarelinho, em Cacequi, quando fui visi-



CAMPEREADA

PAULO MENDES

pmendes@correiodopovo.com.br

O fio da sina



tar minha avó num janeiro quente, durante as férias escolares. Nessa época já era um guri taludo, mas o comerciante me olhou desconfiado, o encarei firme e disse que era para desfilar no 20 de Setembro. Anos depois, quando cheguei a Porto Alegre, comprei uma faca pequena, numa ferragem da Cidade Baixa, para usar nos churrascos com amigos. Porque o homem do Interior vai num churrasco sempre com sua faca e não gosta de usar faquinha de serra. A partir daí fui juntando minha coleção. Quando se pega um gosto por algo é difícil de parar.

Ao contrário de Borges, para quem o punhal tinha um destino assassino, vejo a faca gaúcha como um instrumento de trabalho. O grande escritor argentino presenciara, certa vez, ao vivo, um assassinato, em Taquarém, no Uruguai, e ficou impressionado. Junto com os espelhos, os labirintos, os sonhos e os tigres, foi um de seus temas recorrentes. A faca é para o campeiro uma ferramenta. “Um revólver não tem serventia para um peão”, dizia Seu Neto, companheiro de tropeadas de meu pai.

Ali estão as facas de todo tipo e tamanho que fui reunindo com o passar dos anos. São várias, mas nenhuma delas adquiri com intenção beligerante. Sou da paz, não consigo matar nem um inseto. Como me disse certa vez um rapaz que me vendeu uma faca artesanal, “na mão de um bandido até uma pedra é uma arma”. Virei um pequeno colecionador e as vejo como metáfora do trabalho, da lida campeira, objeto que esteve sempre na cintura do tropeiro, do humilde peão de estância, do changueiro, enfim, sempre junto dessa gente sofrida do Rio Grande. De faca na cintura, ou na mão, cumpriremos nossa sina.